



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11679 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

OUTROS JEITOS DE FAZER EXTENSÃO

Ricardo Bragança Pinheiro Tammela - UCP - Universidade Católica de Petrópolis

Ao desafio urgente de uma reconstrução nacional sustentada pela democracia e pela justiça social, eu trago também, a necessidade da justiça ambiental, as garantias aos direitos humanos, o enfrentamento às injustiças cognitivas e a crítica aos modelos educacionais que temos utilizados em todos os âmbitos. Predominam modelos que reproduzem “uma razão monológica e de um modo de linguagem que não comunica, pois tem ânsia de silenciamento” (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 13). Modelos antidialógicos, que produzem subalternidades e hierarquização de saberes. Ora, a sustentação desses modelos nos conduziu ao que somos hoje e “em vez de imaginar mundos, a gente os consome” (KRENAK, 2020, p. 69) – consumimos tudo o que tem em volta – as florestas, as águas, os animais, os minerais, as pessoas, as energias, as almas, as culturas, as tradições. E vamos descartando histórias, experiências, saberes, epistemologias, existências, vidas – deixando em nosso rastro, montanhas de escombros e ruínas que não servem à modernidade (BENJAMIN, 1987).

Com esses desassossegos em meu sul, sento na beira da calçada e risco caminhos: é possível uma extensão universitária como uma prática comunicativa entre as gentes que compartilham pensamento, linguagem e o contexto vivido, com intenção de humanizar o ser humano na ação consciente de interferir criticamente na transformação do mundo? Nossa prática extensionista pode atuar a partir da escuta, do diálogo, da libertação das gentes, em uma relação de respeito pelos saberes e experiência dessas gentes e dos coletivos que elas integram?

No encontro com homens e mulheres das classes populares, moradoras e moradores de um bairro periférico do município de Petrópolis, venho experienciando um jeito próprio de fazer extensão. Um jeito de fazer extensão fundamentado em uma prática dialógica (FREIRE, 2020), que se coloca à deriva no caminho, que se ex-põe ao encontro e as mudanças que acontecem em decorrência das interações. Uma extensão que se compromete com essas

mulheres e homens, na transformação do mundo.

O exercício investigativo foi delineado metodologicamente como uma pesquisa com o cotidiano (GARCIA, 2003), “tempo/lugar do pequeno, do desprezível, do sem-importância, do irrelevante, do episódico, do fragmento” (ESTEBAN, 2003, p. 20). Quando caminho pelas ruas e servidões desse bairro, vou lidando com o que surge no percurso, com o que me acontece. Os rumos desse caminho vão sendo traçados pelas interações – com as gentes, com os espaços, com os acontecimentos episódicos que atravessam esse tempo/lugar. Não há um percurso, não há um objeto à priori, o caminho vai se fazendo ao caminhar. O diálogo e a escuta são procedimentos que potencializam as reflexões tecidas por meio de um caderno de sentimentos de campo, como forma de combinar a razão e o amor, o corpo e o coração, atuando a partir do diálogo amoroso, buscando me aproximar do que poderia se chamar uma “extensão sentipensante”, a partir da Sociologia de Fals Borda (2015).

Quando caminho pelas ruas e servidões do bairro, aposto no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989) para captar pistas, sinais e indícios presente nas vozes, nos gestos e silêncios das gentes que encontro – sujeitas e sujeitos da pesquisa. Com as pistas que apanhamos pelos caminhos, vamos formando pensamento sobre as respostas às situações limites (FREIRE, 2020) que nos deparamos, extensionistas e as gentes que encontramos no caminho e com quem dialogamos.

Com esse trabalho, riscamos caminhos para uma extensão universitária comprometida com as demitidas e os demitidos da vida, uma extensão que constrói vínculos participativos e afetivos com as mulheres e homens que encontra no caminho. Uma extensão que combina o coração com a mente, pensando com o coração e sentindo com a mente e se permite ser afetada por essa combinação.

Se o *axé* compreende a potência que fundamenta o acontecer (RUFINO, 2019), o devir, penso se esses elementos, de uma extensão sentipensante, não seriam o *axé* desse jeito de fazer extensão – essa experiência de estar no miúdo do dia da comunidade com quem dialogamos, sem outra intenção além que o estar ali, e nesse estar, ir recolhendo, através das palavras, dos gestos, dos cheiros, dos sons, dos sentimentos, os sinais que as gentes vão nos revelando e que vão servir de caminho para alguma ação extensionista que se construa junto com as moradoras e moradores do lugar. Um estar em movimento, que se faz caminhando pelas ruas e servidões, deixando que o percurso seja determinado pelo caminho e pelo que vai nos acontecendo nele. Um estar que não se define por uma atividade, mas por uma passividade “feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA). Um estar que se ex-põe ao encontro e nesse encontro, se abre para o diálogo, para o pronunciamento da palavra de transformar o mundo. Um estar compromissado com a boniteza dessas gentes – os esfarrapados e esfarrapadas do mundo, e com a boniteza da luta, da experiência de transformação radical, ancorada em ações responsáveis e pedagogias implicadas em transgredir e expurgar o desencante que assola o mundo.

A extensão pode servir ao colonialismo através de uma universidade que representa esse modelo tacanho, que promove a morte. Ou, pode servir às classes populares, através de uma universidade que promove a liberdade e a vida. É possível uma extensão universitária comprometida, amorosa e libertadora, uma extensão universitária que atue nas frestas desse modelo hegemônico de universidade, que subalterniza, que exclui e que provoca apagamentos de saberes, experiências e histórias.

Não é tarefa fácil, mas como nos diz Paulo Freire, é tarefa de homens e mulheres comprometidos e comprometidas com a transformação social. Pensar uma extensão com essa substância, é pensar uma universidade diferente. É pensar uma extensão potencializadora da transformação social, através das transformações que acontecem nas miudezas da vida. Uma extensão que constrói suas ações junto com as gentes das classes populares, através das pistas que vão sendo recolhidas quando os encontros com essas gentes acontecem e através desses encontros, o diálogo amoroso, o afeto, a solidariedade na luta por um mundo mais bonito.

BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORDA, Orlando Fals. **Una Sociología Sentipensante para América Latina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2015.

ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GARCIA, Regina Leite. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite et al. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, [s. l.], n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.